Herbert Huntington Smith: um naturalista injustiçado?

Josiane Kunzler *
Antonio Carlos Sequeira Fernandes #
Vera Maria Medina da Fonseca §
Samia Jraige $

Resumo: Na segunda metade do século XIX, o naturalista norte-americano Herbert Huntington Smith (1851-1919) realizou expedições ao Brasil que resultaram na aquisição de cerca de 250.000 exemplares de história natural. Sua viagem mais importante deu-se, entretanto, entre os anos de 1882 a 1886. Contratado pelo Museu Nacional em fins de 1881, percorreu diversos estados brasileiros, finalmente permanecendo na região da Chapada dos Guimarães, onde coletou vários exemplares de répteis, aves, mamíferos e insetos, além de amostras petrográficas e fossilíferas. Por força de contrato, Smith organizou coleções separadas, sendo uma para remessa ao Museu Nacional e, outra, para seu uso particular. Análises dos documentos presentes na instituição revelam em grande parte o cumprimento do contrato pelo naturalista, a exceção da enorme coleção de insetos. Devido à falta de recursos ao final do contrato, Smith foi autorizado pelo diretor da época a retornar aos Estados Unidos com toda a coleção de insetos, onde procederia a separação dos exemplares, retornando ao museu os exemplares que lhe pertencessem. O não cumprimento dessa promessa resultou em protestos significativos posteriores, qualificando-o como indivíduo de idoneidade moral duvidosa. A análise da documentação existente permite duvidar dessa qualificação, face à grande contribuição que Smith deu ao acervo da instituição.
Palavras-chave: Smith, Herbert Huntington; coleções de história natural; Museu Nacional

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geologia, Instituto de Geociências, Av. Athos da Silveira Ramos, 274, Cidade Universitária, CEP 21941-916, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: josikunzler@gmail.com.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista s/n, São Cristóvão, CEP 20940-040, Rio de Janeiro, RJ. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: fernande@acd.ufrj.br e acsfernandes@pq.cnpq.br.

§ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista s/n, São Cristóvão, CEP 20940-040, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: vmmedinafonseca@gmail.com.

$ Estudante do curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Av. Pasteur, 296, Urca, CEP 20290-240, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: samia.jraige@hotmail.com.

Herbert Huntington Smith: a wronged naturalist?

Abstract: During the second half of the 19th century, the North American naturalist Herbert Huntington Smith (1851-1919) led expeditions to Brazil that resulted in the purchase of about 250,000 specimens of natural history. His most important trip was made between 1882 and 1886. Hired by the Museu Nacional at the end of 1881, he crossed many Brazilian provinces and reached the region of Chapada dos Guimarães where he collected many specimens of reptiles, birds, mammals and insects, as well as petrographic and fossiliferous samples. Following his contract, Smith organized two separate collections: one to send to the Museu Nacional and the other one for his private use. Analysis of the documents of the institution shows that the contract was mostly fulfilled by the naturalist, except concerning the big insect collection. Due to the lack of resources at the end of the contract, Smith got the authorization of the Museum's director to return to the United States with the whole insect collection, where he would separate the specimens and send to the museum the ones that belonged to it. The non-compliance of this promise resulted in huge protests afterwards, and this led some people to describe him as a man of questionable moral character. The analysis of the existing documentation allows us to question this description, because of the large contribution that Smith gave to the collection of this institution.
Key words: Smith, Herbert Huntington; natural history collections; Museu Nacional (Rio de Janeiro)

1 UM NATURALISTA COM GOSTO PELO BRASIL

Herbert Huntington Smith nasceu em Manlius, estado de New York, Estados Unidos, em 21 de janeiro de 1851. Desde pequeno Herbert Smith demonstrou grande interesse pela história natural, carreira em que se graduou pela *Cornell University* em 1872, após quatro anos de estudos. Durante sua permanência em Cornell, Smith teve a oportunidade de acompanhar seu professor, com o qual estabeleceu grande amizade, Charles Frederick Hartt (1840-1878), ao Brasil como membro integrante da conhecida Expedição Morgan, em 1870 (Clapp, 1919; Holland, 1919). Seu primeiro interesse, certamente por influência de suas relações com Hartt, professor de geologia na *Cornell University*, foi pelos fósseis, a geologia e a geomorfologia. Posteriormente, enveredou pela biogeografia e o estudo dos insetos e moluscos (com interesse particular pelos aquáticos continentais), dos quais coletou milhares de exemplares. Apesar do interesse especial pelos dois grupos, especializou-se, entretanto, somente no referido grupo de artrópodes. Grande coletor e preparador, organizou coleções hoje encontradas em quase todos os museus de história natural do mundo, incluindo, além de material zoológico composto por insetos, aves, répteis, mamíferos e moluscos, também material botânico, etnográfico e literário, completando um número de aproximadamente 500.000 espécimens de história natural (Abreu, 1922).

No período de 1870 a 1886, Smith esteve por cinco vezes no Brasil, tendo sido a primeira vez ainda como estudante universitário, em meio às férias escolares, acompanhando Hartt como seu assistente na primeira parte da Expedição Morgan, permanecendo por quatro meses no Pará (Ávila-Pires, 1987). Ao lado de outros colegas, também estudantes, como Orville Adelbert Derby (1851-1915), Theodore Bryant Comstock (1849-1901), Richard Rathbun (1852-1918), John Casper Branner (1850-1922) e William Stebbins Barnard (1849-1888), Smith era considerado por Hartt como um de seus "garotos" (*my boys*), correspondendo a uma das maiores satisfações deste mestre; ao final da expedição, Hartt tinha a certeza de ter influenciado na formação de seus estudantes como verdadeiros cientistas (Freitas, 2002, p. 160). A visão da "vida tropical" atuou como uma constante atração para trazer Smith de volta ao Brasil e as suas florestas e rios (Smith, 1879a, p. vii).

Foi essa "atração" que levou então Smith a retornar ao Brasil em 1874, para coletar e estudar os animais da Amazônia. Passou dois anos nas cercanias de Santarém (PA) e, em 1876, foi convidado por Hartt para integrar a "Comissão Geológica do Império do Brasil", criada em 1875, e com a qual permaneceu por mais de um ano. Seu antigo professor e amigo o deixara com a missão de explorar a geologia dos vales do Amazonas e do Tapajós e, na companhia de Derby e de Francisco José de Freitas devia estudar os depósitos carboníferos dessas regiões (Oliveira e Leornardos, 1943). Terminados os trabalhos na comissão geológica, Smith seguiu então para o Rio de Janeiro onde permaneceu por cerca de quatro meses antes de seu retorno aos Estados Unidos. As atividades de coleta da comissão geológica no Norte e Nordeste resultaram em grande número de amostras que posteriormente foram incorporadas ao acervo do Museu Nacional, contabilizados em 35.423 exemplares presentes em 1.705 registros no acervo atual do Departamento de Geologia e Paleontologia. Desses, 536 exemplares referentes a 180 registros correspondem ao material coletado no rio Tapajós (Macedo *et al.*, 1999, p. 6), atividade da qual Smith tomou parte.

Durante essa estadia no Brasil, Smith também reuniu um grande número de notas e uma coleção de cerca de 100.000 espécimens, principalmente entomológicos, uma coleção que ainda por alguns anos permaneceria em grande parte empacotada (Smith, 1879a).

2 ESCREVENDO SOBRE OS ASPECTOS SOCIAIS NO BRASIL

Novamente nos Estados Unidos e em face da experiência adquirida em suas viagens, Smith foi convidado pela *Messrs. Scribner & Co.*, de New

York, para escrever uma série de artigos sobre o Brasil para a revista *Scribner's Monthly*, periódico ilustrado publicado de 1870 a 1881. Smith fez então duas novas visitas ao Brasil comissionado pela empresa.

Na primeira visita ele foi ao Pará e, na segunda, ao Rio de Janeiro, passando, na volta aos Estados Unidos, por Pernambuco e Ceará (Abreu, 1922). Como resultado, redigiu seis artigos publicados na referida revista em 1879, além do livro *Brazil, the Amazons and the coast* (Smith, 1879a-g). Os artigos abordavam suas explorações e observações acerca das condições sociais e políticas nos estados onde passava, assim como as indústrias existentes, como havia sido combinado com o periódico (Mello-Leitão, 1941). No artigo sobre o Rio de Janeiro escreveu somente umas poucas linhas sobre o Museu Nacional, com comentários nada elogiosos: "há na cidade um museu de história natural, não muito bom; as coleções são mal etiquetadas e mal arranjadas" (Smith, 1879f, p. 903). Era o museu com quem, dois anos depois, assinaria um contrato para viagens de exploração e coleta de espécimens.

Em 1880, o naturalista se casou com Amelia "Daisy" Woolworth Smith, nascida no Brooklin, em New York. Além de esposa, Amelia Smith era companheira e assistente do pesquisador e, nos anos que se seguiram, participou de suas expedições, inclusive a que viria a ser realizada logo no ano seguinte, novamente, no Brasil, pois Amelia desenvolveu grande habilidade e eficiência nos processos de coleta e preparação dos espécimens de história natural (Holland, 1919).

A última e mais extensa passagem de Smith pelo Brasil que agora ocorreria, levaria aproximadamente seis anos, de maio de 1881 a setembro de 1886.

3 FIRMANDO UM CONTRATO COM O MUSEU NACIONAL

Ao final de 1881, após ter passado alguns meses no Pará, dias em Pernambuco e ter se instalado por seis meses no Rio de Janeiro, Smith celebrou contrato com o diretor geral do Museu Nacional, Ladislau de Souza Mello e Netto (1838-1894). Pelo contrato firmado, Smith deveria realizar viagens de exploração ao interior do Brasil formando coleções de história natural, parte das quais pertenceriam ao museu (Doc. MN 237, pasta 20, de 23/12/1881). O referido contrato foi possivelmente renovado por pelo menos três ocasiões, uma vez que o pesquisador passou quatro anos no estado de Mato Grosso, acompanhado de sua esposa e um cunhado (Abreu, 1922).

De acordo com o acertado entre o naturalista e a instituição, "três ou quatro exemplares de cada espécie dos produtos colhidos, ou o único e-xemplar que encontrar" deviam ser enviados ao Museu Nacional (Doc. MN 237, pasta 20, de 23/12/1881). Em troca desse serviço ele receberia a quantia de quatro contos de réis e a propriedade das duplicatas que lhe fosse possível adquirir (Lacerda, 1905). Desse modo, entende-se que de todo o material coligido pelo naturalista durante esta expedição, uma parte ficaria de posse do museu e outra do coletor.

Ainda antes de partir para Mato Grosso o naturalista esteve por seis meses no Rio Grande do Sul realizando a *Brazilian Exploring Expedition*, coletando várias amostras geológicas, algumas das quais se encontram no Museu Nacional e, aproximadamente, 450 exemplares de mamíferos, depositados na *Philadelphia Academy of Sciences* e no *American Museum of Natural History*. Ele descreveu essa expedição com a publicação de artigos no periódico *American Naturalist* (Ávila-Pires, 1987; Smith, 1883a-d). Não se tem ideia do número de amostras petrográficas coletadas ou obtidas por Smith, mas pelo menos 17 amostras procedentes do Rio Grande do Sul e uma do Paraguai foram encontradas no acervo atual da coleção de petrografia da instituição com a identificação de seu nome como coletor, a maior parte com data de 1882. Outras amostras que certamente foram enviadas ao Museu Nacional por Smith têm como indicação o nome do engenheiro alemão Eugen Daehne, com quem Smith fez "uma pequena excursão ao sul da província", em abril de 1882 (Smith, 1922, p. 134).

4 A COLEÇÃO DA DISCÓRDIA

Após a permanência de seis meses no Rio Grande do Sul, Smith seguiu para a região da Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso, onde se estabeleceu por quatro anos dedicando-se a estudos geológicos e à coleta de grande número de espécimens zoológicos. Esta foi orçada em cerca de "10.000 espécies de insetos, 10.000 espécimens de aves, 450 de mamíferos, muitos répteis e batráquios", como foi informado em notícia da Gazeta de Notícias, em 6 de setembro de 1886, por ocasião do retorno do naturalista aos Estados Unidos. O relato dessa viagem ficou registrado na obra de sua autoria intitulada *Do Rio de Janeiro a Cuyabá*, publicada com prefácio de Capistrano de Abreu (Smith, 1922).

Smith encaminhou ao Museu Nacional os exemplares coletados nos seus quatro anos de atividades em pelo menos duas ocasiões, 1883 e 1886, conforme se pode afirmar a partir da documentação presente no arquivo

histórico do museu (Doc. MN 17, pasta 22, ofício 13 da 1º seção, do Palácio do Governo da Província de Mato Grosso, de 03/02/1883; Doc. MN 33, pasta 25, de 08/02/1886). Por força do contrato que havia estabelecido com o museu, Smith organizou coleções separadas do material coletado, sendo uma parte para ser entregue ao Museu Nacional e, outra, para seu uso particular. Análises dos documentos presentes na instituição revelam em grande parte o cumprimento do contrato pelo naturalista, com exceção da enorme coleção de insetos. Em memorando enviado ao Museu Nacional em outubro de 1885, Smith discriminou o número de exemplares coletados e a parte correspondente ao museu, conforme o estabelecido no referido contrato (Doc. MN, RA9/D9, p. 4v-6, 23/10/1885[1]): (1) mamíferos: 200 exemplares, sendo cerca de 60 para o museu; (2) aves: 5.000 exemplares, sendo cerca de 800 para o museu; (3) répteis: 200 exemplares, com número não indicado para o museu; (4) anfíbios: número total não discriminado, com a parte do museu já separada; (5) plantas: 3.000 exemplares, todos entregues ao museu; (6) frutos: 5.000 exemplares, sendo entregue ao museu a parte que lhe pertence; (7) fósseis: 200 exemplares, todos entregues. Pode-se notar claramente a discrepância entre os números citados pela *Gazeta de Notícias* e o documento presente no Museu Nacional.

O problema maior e motivo da discórdia que se formou entre o Museu Nacional e Smith envolveu a coleção de artrópodes, contendo himenópteros: 25.000; dípteros: 5.000; lepidópteros diversos: 25.000; lepidópteros noturnos: 8.000; coleópteros: 200.000; hemípteros: 15.000; ortópteros: 10.000; neurópteros: 500), aracnídeos (20.000) e miriápodes (1.000). De um total estimado em 311.500 exemplares, cerca de 13.195 exemplares pertenceriam ao museu, número este em que não estavam computados os exemplares de coleópteros e miriápodes a serem entregues ao museu[2].

Em ofícios e comunicações verbais ao diretor do Museu Nacional desde o final de 1885, Smith alertava para a enorme dificuldade que teria em fazer a separação dos exemplares de insetos destinados ao museu, devidamente preparados, identificados e catalogados. Seriam necessários vários meses (ou mesmo anos, no caso dos coleópteros) para a realização dessa

---

[1] A sigla refere-se ao documento do Museu Nacional anotado no Livro de Registros de Avisos e Ofícios e o período de anotação dos documentos: RA9/D9 (1885-1890).

[2] O número total estimado de exemplares baseou-se na soma das quantidades citadas por Smith no documento de 23/10/1885.

tarefa. Em cartas ao diretor, datadas de 8 e 15 de julho de 1886, Smith reafirmou as dificuldades existentes para a tarefa e a falta de recursos para a aquisição do material de preparação necessário e para a sua permanência no Rio de Janeiro (Doc. MN 84, pasta 25). Sobre o seu compromisso relacionado às coleções que deveria entregar ao museu salientou:

> Uma parte destas coleções, incluindo a dos pássaros, amostras geológicas e plantas exclusivas dos [...] já foi entregue. A coleção de répteis e batráquios pertencentes ao museu foi remetida de Mato Grosso; por circunstâncias independentes de mim, ainda não chegaram, mas sem dúvida, dentro de pouco devem estar aqui. A coleção de mamíferos pode ser separada e entregue em pouco tempo e antes da minha partida, tão bem como a que falta ainda da coleção de plantas. Satisfeito por este modo as condições de meu contrato com referência às coleções acima mencionadas, peço a V. Exª. licença para retirar a minha parte das ditas coleções sobre a qual o museu não terá mais direito. / Fica a coleção de insetos que como já tive ocasião por várias vezes a expor a V. Sª. (exposição com que V. Sª. concordou) não pode ser separada devidamente aqui sem exigir de mim sacrifícios, que minhas circunstâncias precárias não me permitem fazer, nem seria possível na condição atual do museu fazer este trabalho sem enorme prejuízo tanto na parte que pertence ao museu como a minha. Estou [disposto] a fazer esta separação nos Estados Unidos sem [prejuízo] para o museu, salvo os materiais indispensáveis para a consciente montagem da sua parte e espero que V. Sª. encontrará meios que me permitam fazer isto, resolvendo como entender os direitos e interesses do museu, uma vez que as condições estabelecidas para este fim não dificultam o meu trabalho. (Doc. MN 84, pasta 25, carta de 15/07/86)

Smith não se recusava a completar o trabalho de separação dos exemplares, mas com a necessidade de retornar aos Estados Unidos, teria que deixar toda a coleção de insetos não preparada no museu e, assim, certamente temia pelo seu destino. Cabe aqui lembrar a observação negativa que fez em relação ao Museu Nacional e suas coleções em seu artigo sobre o Rio de Janeiro publicado em 1879.

Devido aos seus esclarecimentos, com os quais o diretor, Ladislau Netto, concordou, Smith teria então obtido a devida autorização para levar a coleção para os Estados Unidos e realizar, assim, a árdua tarefa, enviando posteriormente ao museu os exemplares que lhe pertenciam. Apesar da confiança, Smith não retornou os exemplares ao Museu Nacional, fato esclarecido por João Baptista de Lacerda (1846-1915) em sua obra *Fastos do Museu Nacional* (Lacerda, 1905).

Lacerda ocupava o cargo de diretor da 1ª Seção (Antropologia, Zoologia Geral e Aplicada, Anatomia Comparada e Paleontologia Animal) do Museu Nacional e desde o ano anterior era contrário que Smith levasse consigo as coleções:

> Na realidade, conforme pondera o mesmo Smith, a separação por espécies em uma coleção composta de cerca de duzentos e cinquenta mil exemplares é tarefa que exige trabalho assíduo de alguns meses, ocorrendo ainda que a determinação específica em classes zoológicas tão numerosas, como as que se acham representadas na dita coleção, não pode ser feita sem o auxílio de obras especiais, não existentes na biblioteca do Museu. Assim sou de parecer que o sr. Smith faça entrega das coleções já depositadas no Museu, com a indicação por escrito do número de exemplares nelas contidas, segundo as classes, obrigando-se a fazer entrega no mais breve prazo possível, das coleções que ficaram em Mato Grosso e que, pelo contrato, pertencem igualmente ao Museu. No ato da entrega se lavrará uma ata ou documento, que será assinado pelo dito Smith, e no qual ficará encerrada essa obrigação. (Doc. MN RA9/D9, p. 5, de 21/10/1885)

Lacerda não era, portanto, favorável à permissão para que Smith levasse as coleções consigo e, ao que tudo indica, particularmente a de insetos, extremamente valiosa do ponto de vista científico. A não devolução dos exemplares da coleção de insetos pertencentes ao museu, apesar das reclamações que foram feitas, causou a Lacerda uma grande revolta que manifestou em sua obra ao ressaltar a "falta de idoneidade moral por parte do naturalista americano, que o diretor do Museu desconhecia" (Lacerda, 1905, p. 55).

Já como diretor geral do Museu Nacional, Lacerda lamentou o fato do museu, na maioria das vezes, não ser feliz nas permutas com "instituições congêneres de outros países, e principalmente com os colecionadores estrangeiros, que mediante o pagamento de certa quantia, se obrigam a colher objetos para o Museu" (Lacerda, 1905, p. 55). Como solução para evitar novas perdas, recomendou o uso de meios legais para garantir no estrangeiro a propriedade do Museu Nacional, o que nunca se aplicou nas décadas que se seguiram.

Onze anos após a publicação da obra de Lacerda, em conferência realizada em 1916, Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939), naturalista do Museu Nacional, ressaltou sua indignação com a espoliação do acervo do museu por naturalistas da instituição ou por ela contratados, que enviaram coleções ao exterior e que terminaram por ficar no estrangeiro. Sobre as coleções de Smith, afirmou:

> Onde estão as coleções de Herbert Smith? Temos apenas uma parte das aves; a outra foi levada para a América do Norte, estudada lá e depois de *publicado o estudo numa revista Americana*, a parte que ficou no Brasil foi *mandada para a Europa*, pelo Dr. Goeldi, afim [*sic*] de ser estudada pelo Conde de Berlepsch e voltou ao Museu – mas uma outra parte entretanto – até hoje não voltou dos Estados Unidos. (Miranda-Ribeiro, 1945, p. 54; ênfase no original)

Miranda Ribeiro referia-se ao zoólogo Emílio Augusto Goeldi (1859-1917), que atuou como subdiretor da 1ª Seção do Museu Nacional de 1885 a 1890, e ao conde Hans von Berlepsch (1860-1916), ornitólogo alemão.

5 O RETORNO DEFINITIVO À AMÉRICA

Em 6 de setembro de 1886, uma nota na *Gazeta de Notícias* se despedia de Smith, denominando-o "nosso distinto colaborador". Smith, em sua passagem pelo Brasil, escreveu para o *Jornal do Comércio* e para a *Gazeta de Notícias*, tendo sido publicados neste último periódico 27 artigos que, por fim, foram reunidos no livro *Do Rio de Janeiro a Cuyabá*, com autoria de Smith, lançado em 1919 (Abreu, 1922).

Apesar de seu interesse pela fauna tropical brasileira, Smith nunca mais retornou ao Brasil. Após voltar aos Estados Unidos, Smith foi comissionado por Frederick du Cane Godman (1834-1919), de Londres, para fazer coletas da fauna do México, em 1889. No ano seguinte e, por mais quatro anos subsequentes, Smith dispendeu seu tempo coletando na ilha de Trinidade, no Caribe, e nas ilhas de Barlavento, no arquipélago de Cabo Verde, com a *West Indian Comission of the Royal Society*, cujos materiais coligidos estão depositados no *British Museum*, em Londres. Enquanto isso, o naturalista também se ocupou com a preparação de duas enciclopédias (*Century Cycopledia of Names* e *Johnson's Cyclopedia*) e um dicionário (*Century Cyclopedia*). Em seguida, Smith trabalhou para o *Carnegie Museum*, realizando coletas nos estados da Pensilvânia e Virginia, nos Estados Unidos, e em Santa Marta, na Colômbia, sendo acompanhado, neste último país, por esposa e filho. No entanto, o seu trabalho nos trópicos teve de ser abandonado por motivos de saúde, com exceção do estudo do material coletado na Colômbia e dos moluscos que chegavam ao museu, sendo lançado em 1902 o *Catalog of the genus Partula*, resultado da classificação desse material (Holland, 1919).

Smith e sua esposa não cessavam suas coletas. Ao se mudarem para Wetumpka, no Alabama, começaram a coletar múltiplas conchas de moluscos de água doce que abundavam naquela região. Muitas foram as con-

chas que Smith coletou, porém, nelas não se especializou (Clapp, 1919). Depois de alguns anos contribuindo com a Universidade do Alabama, o casal foi convidado a trabalhar no museu da universidade, onde Smith também supervisionou explorações de afloramentos do Terciário (Holland, 1919).

As coleções feitas por Smith no Brasil tiveram vários destinos, além das encaminhadas ao Museu Nacional. Dos 6.000 exemplares de aves procedentes de Mato Grosso (Lopes *et al.*, 2009), cerca de 4.000 espécimens foram adquiridos pelo *American Museum of Natural History*, em New York, e 538 pelo *British Museum*, atual *Natural History Museum*, em Londres (The Oologist, 1920). Posteriormente, a maior parte dos exemplares que foram para o museu norte-americano foram estudados por Joel Asaph Allen (1838-1921), ornitólogo da instituição (Allen, 1891, 1892, 1893), e diversos espécimens dos exemplares que seguiram para Londres encontram-se listados no *Catalogue of the Birds in the British Museum*, publicado entre 1874 e 1895 pela instituição britânica (Lopes *et al.*, 2009). A coleção de insetos, levada integralmente por Smith para os Estados Unidos, foi parcialmente adquirida por Frederick Godman, de Londres, e por William Holland, do *Carnegie Museum*, que depois compraria a maior parte da coleção de lepidópteros. A vasta coleção de insetos, com um número aproximado e 30.000 espécies e cerca de 200.000 espécimens, terminaram sob a guarda do *Carnegie Museum* (Holland, 1919). A coleção de anfíbios e répteis, que se encontra na *Academy of Natural Sciences of Philadelphia*, foi estudada pelo herpetólogo norte-americano Edward Drinker Cope (1840-1897) que descreveu 12 novas espécies (baseadas em mais de 37 exemplares) e registrou outras 51 já conhecidas (Cope, 1887).

Tragicamente, aos 22 de março de 1919, Smith faleceu. Portador de deficiência auditiva, foi atropelado por um trem de carga enquanto atravessava a ferrovia quando se dirigia ao museu. Presume-se que, pelo problema de audição, o pesquisador não tenha sentido a aproximação da composição (Abreu, 1922).

6 O DESTINO DAS COLEÇÕES DE MATO GROSSO NO MUSEU NACIONAL

Ao longo do tempo a maior parte dos exemplares remetidos ao museu se perdeu pelas mais diversas razões. No tocante ao material geológico coletado por Smith, alguns exemplares foram localizados entre as atuais coleções de petrografia e de paleontologia. Na primeira encontram-se 19

registros de amostras de rochas procedentes do Rio Grande do Sul e, na segunda, sete registros com 40 amostras com fósseis de invertebrados da Chapada dos Guimarães, além de outras 20 amostras fossilíferas que podem ser atribuídas às atividades do naturalista. Em uma nota Smith comentou brevemente a geologia da chapada (Smith, 1883e) e os fósseis de invertebrados por ele coletados (Figura 1), além dos primeiros fragmentos de paleovertebrados da região, um de casco de tartaruga e uma vértebra de réptil (não localizados no acervo), foram identificados por Derby nos Arquivos do Museu Nacional (Derby, 1895; Campos, 1920). Sua participação junto a Derby e Hartt na Comissão Geológica do Império levou a um equívoco no lançamento de informações referentes aos fósseis no livro de tombo da coleção de paleoinvertebrados do museu. Além da indicação de Smith, há referências à comissão como fonte dos fósseis da Chapada dos Guimarães; entretanto, a comissão não chegou a estender suas atividades à região onde Smith somente atuou entre 1882 e 1886 (Kunzler *et al.*, 2010).

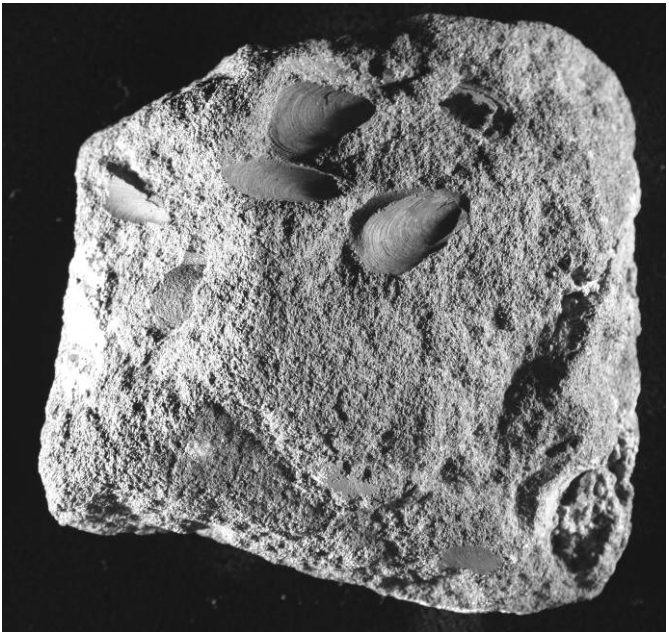

Fig. 1. Fósseis de braquiópodes lingulídeos (*Lingula* sp., MN 3322-I) da Chapada dos Guimarães coletados por Herbert Smith e estudados por Orville Derby em 1895.

Fig. 2. Exemplares coletados por Herbert Smith: o andarilho (*Geositta poeciloptera*), o tico-tico-de-máscara-negra (*Coryphaspiza melanotis*) e o papa-moscas-canela (*Polystictus pectoralis*), respectivamente MN 15358, MN 14666 e MN 13553, pássaros que hoje se encontram extintos na região da Chapada dos Guimarães.

Das 190 espécies de aves com 553 exemplares que deram entrada para a coleção de ornitologia (MN, Livro de entrada de objetos, 1876-1892, D303, Zoologia, pp. 35-40), apenas um número reduzido, ainda não calculado, foi preservado, devido a problemas de preservação que afetaram principalmente as coleções de peles, assim como a coleção de mamíferos. Exemplares provenientes de Mato Grosso coletados por Smith foram relacionados por Miranda Ribeiro e Augusto Ruschi (1915-1986), o primeiro com a divulgação da listagem parcial da coleção de aves que se encontrava no museu no início do século XX e, o segundo, que citou o material depositado por Smith na instituição (Miranda-Ribeiro, 1928; Ruschi, 1951). Miranda Ribeiro havia listado cerca de 150 espécimens, número que certamente deve ser bem superior, já que o Museu Nacional abriga centenas de exemplares (Lopes *et al.*, 2009).

No levantamento sobre a avifauna da Chapada dos Guimarães, Leonardo Esteves Lopes (1979-) e seus colaboradores revisaram as explorações científicas na chapada e ressaltaram que 25 espécies coletadas por Smith não são mais registradas na região, valorizando o conteúdo do acer-

vo coligido pelo naturalista. Exemplares de três dessas aves, o andarilho (*Geositta poeciloptera*), o tico-tico-de-máscara-negra (*Coryphaspiza melanotis*) e o papa-moscas-canela (*Polystictus pectoralis*) se encontram no Museu Nacional (Collar & Wege, 1995; Lopes *et al.*, 2009) (Figura 2). Cabe ressaltar que no atual acervo do museu constam também exemplares de aves que Smith coletou durante sua passagem pelo Rio Grande do Sul em 1882, aos quais, curiosamente, o ornitologista William Belton (1914-2009) não fez menção no histórico de seu artigo sobre as aves do referido estado (Belton, 1984).

Os exemplares de anfíbios e répteis coletados por Smith não foram encontrados no setor de herpetologia do Museu Nacional. Segundo os dados da Seção de Zoologia, em 1915 existiam somente 546 exemplares de répteis e anfíbios (Miranda-Ribeiro, 1945), não se tendo ideia se alguns deles correspondiam aos encaminhados ao museu por Smith. A coleção herpetológica de Smith no museu, portanto, aparentemente encontra-se perdida.

Fig. 3. Crânio de coelho-do-mato (*Sylvilagus brasiliensis*), um dos três exemplares presentes na coleção de mamíferos cuja coleta é atribuída a Herbert Smith, na Chapada dos Guimarães (exemplar MNRJ 285).

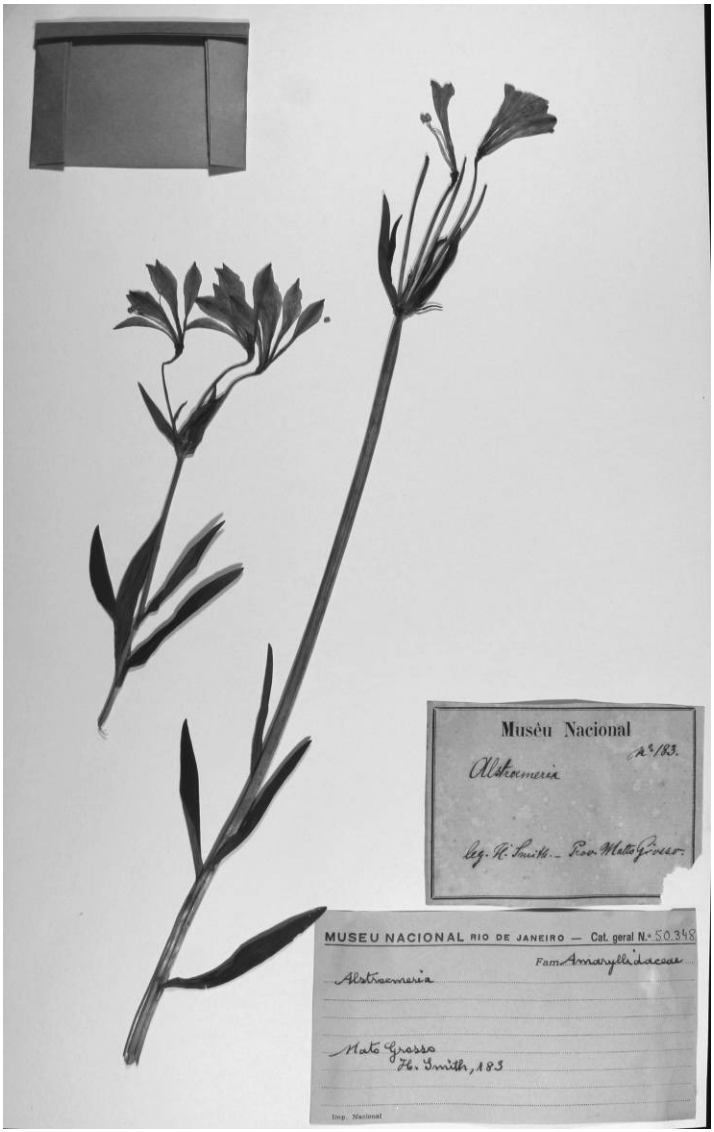

Fig. 4. Exemplar de *Alstroemeria* sp., planta coletada em Mato Grosso por Herbert Smith e que se encontra no herbário do Museu Nacional (MN 50348).

Quanto aos mamíferos, somente dois crânios de tatu-de-rabo-mole (*Cabassous unicinctus*) e um crânio de coelho-do-mato (*Sylvilagus brasiliensis*;

Figura 3) foram localizados na coleção com menção à Chapada dos Guimarães e à coleta por Smith no ano de 1883. Os demais exemplares de mamíferos encaminhados por Smith não foram encontrados por falta de informações nos arquivos ou porque se perderam com o tempo.

Apesar da grande quantidade de plantas e frutos citada por Smith no seu memorando de 23/10/1885 (Doc. MN, RA9/D9, p. 4v-6), o registro mais antigo de sua remessa ao museu refere-se à entrada, em 23 de maio de 1882, de 429 espécies de vegetais colhidas por Smith (MN, Livro de entrada de objetos, 1876-1892, D303, Botânica, p. 99). Levantamento realizado junto ao herbário revelou que atualmente o museu conta com somente 130 exemplares das plantas, sendo que a coleção de frutos não se encontra organizada, impossibilitando a verificação da presença dos exemplares coligidos por Smith (Figura 4). Vários exemplares de plantas, entretanto, chegaram a ser revisados por botânicos de renome como os alemães Franz Josef Niedenzu (1857-1937) e Alexander Curt Brade (1881-1971), o norte-americano Lyman Bradford Smith (1904-1997) e os brasileiros João Geraldo Kuhlman (1882-1958) e Frederico Carlos Hoehne (1882-1959).

7 CONCLUSÃO

O falecimento de Smith foi amplamente lamentado em obituários em sua homenagem, fruto do respeito que o naturalista tinha por parte de muitos dos homens de ciência da época. Para William Jacob Holland, do *Carnegie Museum*, Smith não era um mero coletor de espécimens de história natural, mas, sim, um naturalista na verdadeira acepção da palavra; Holland posicionou-o ao lado de nomes ilustres como Alexander von Humbolt (1769-1859), Aimé Bonpland (1773-1858), Alfred Russel Wallace (1823-1913), Henry Walter Bates (1825-1892) e Johann Natterer (1787-1843), que "corajosamente, enfrentou perigos na selva a fim de obter informação de primeira mão a respeito da fauna e da flora do grande continente onde trabalharam" (Holland, 1919, p. 483). Durante sua passagem pelo Brasil seu trabalho também atraiu a atenção e o encorajamento por parte do imperador Pedro II e, na Inglaterra, Lord Walsingham, Thomas de Grey (1843-1919), 6º barão de Walsingham, político e entomólogo inglês, considerou-o como um dos mais hábeis coletores entomológicos (The Oologist, 1920). Essas manifestações de respeito, entretanto, não eram compartilhadas por alguns naturalistas do Museu Nacional, como João Baptista de Lacerda e Alípio de Miranda Ribeiro e, a motivação para tal aversão estava ligada ao transporte para o exterior do grande acervo coletado por Smith.

Ao contrário das demonstrações de preocupação manifestadas por Smith em cumprir o contrato com o Museu Nacional, ele certamente levou consigo muito mais exemplares do que simples duplicatas do material coligido, sendo posteriormente adquiridos por museus americanos e europeus, onde ainda permanecem em sua grande totalidade. Do material destinado ao Museu Nacional, pouco sobrou no atual acervo do material que lhe foi destinado, resultado certamente de fatores diversos. A falta de recursos financeiros para manutenção das coleções, a mudança para as novas instalações na Quinta da Boa Vista e, inclusive, remessas indevidas ao exterior sem o devido retorno, solaparam o acervo original reunido por Smith. Quanto à coleção de insetos, a preocupação com a perda dos exemplares numa instituição com sérios problemas para mantê-los pode ter sido uma das razões para Smith retê-los consigo nos Estados Unidos, hipótese que provavelmente nunca poderá ser confirmada.

Herbert Huntington Smith pode não ter sido tão sem idoneidade moral quanto pensava Lacerda, mas certamente teve lucros financeiros e profissionais com as coleções por ele coligidas no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro (Proc. 301328/2009-9 – Bolsa de Produtividade – e Proc. 401762/2010-6 – Edital "Fortalecimento da Paleontologia Nacional"); ao Setor de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR) e à Biblioteca do Museu Nacional, pelo auxílio na pesquisa documental e disponibilização das obras utilizadas; a Ruy José Valka Alves e Vera Lúcia Campos Martins (Departamento de Botânica), Luiz Flamarion de Oliveira, José P. Pombal Jr., Marcos André Raposo Ferreira, Sergio Maia Vaz e Jorge Bruno Nacinovic (Departamento de Vertebrados) pelo auxílio na pesquisa junto aos respectivos acervos; e a Leonardo Esteves Lopes (Universidade Federal de Viçosa) pelas valiosas informações sobre as aves da Chapada dos Guimarães.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. Prefacio. *In*: SMITH, Herbert Huntington. *Do Rio de Janeiro a Cuyabá*. São Paulo: Melhoramentos, 1922.

ALLEN, Joel Asaph. On a collection of birds from Chapada, Matto Grosso, Brazil, made by Mr. Herbert H. Smith. Part I: Oscines. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, **3**: 337-380, 1891.

———. On a collection of birds from Chapada, Matto Grosso, Brazil, made by Mr. Herbert H. Smith. Part II: Tyrannidae. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, **4**: 331-350, 1892.

———. On a collection of birds from Chapada, Matto Grosso, Brazil, made by Mr. Herbert H. Smith. Part III: Pipridae to Rheidae. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, **5**: 107-158, 1893.

AVILA-PIRES, Fernando Dias de. Introdução à mastozoologia do Brasil meridional. *Revista Brasileira de Zoologia*, **4** (2): 115-128, 1987.

BELTON, William. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. Part 1. Rheidae through Furnariidae. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, **178** (4): 369-636, 1984.

CAMPOS, Luiz Felipe Gonzaga de. *Relatório anual do Diretor 1919*. Brasil: Serviço Geológico e Mineralógico, 1920.

CLAPP, George H. Herbert Huntington Smith. *The Nautilus*, **33**: 136-141, 1919.

COLLAR, Nigel J. & WEGE, David C. The distribution and conservation status of the Bearded Tachuri *Polystictus pectoralis*. *Bird Conservation International*, **5**: 367-390, 1995.

COPE, Edward Drinker. Synopsis of the Batrachia and Reptilia obtained by H. H. Smith, in the Province of Mato Grosso, Brazil. *Proceedings of the American Philosophical Society*, **24**: 44-60, 1887.

DERBY, Orville Adelbert. Nota sobre a geologia e paleontologia de Matto Grosso. *Archivos do Museu Nacional*, **9**: 59-88, 1895.

FREITAS, Marcus Vinicius. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

HOLLAND, William Jacob. Herbert Huntington Smith. *Science*, **49** (1273): 481-483, 1919.

KUNZLER, Josiane; FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; FONSECA, Vera Maria Medina da; JRAIGE, Samia. O naturalista Herbert Huntington Smith e sua contribuição às coleções geopaleontológicas do Museu Nacional/UFRJ. Pp. 23-24, *in*: *Jornada Fluminense de Paleontologia*, 5, 2010. Livro de resumos, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

LACERDA, João Baptista de. *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

LOPES, Leonardo Esteves; PINHO, João Batista de; BERNARDON, Bianca; OLIVEIRA, Fabiano Fragna de; BERNARDON, Giuliano; FERREIRA, Luciana Pinheiro; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de;

MALDONADO-COELHO, Marcos; NÓBREGA, Paula Fernanda Albonette de; RUBIO, Tatiana Colombo. Aves da Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, Brasil: uma síntese histórica do conhecimento. *Papéis Avulsos de Zoologia*, **49** (2): 9-47, 2009.

MACEDO, Antonio Carlos Magalhães; FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; GALLO-DA-SILVA, Valéria. Fósseis coletados na Amazônia pela "Commissão Geológica do Império do Brazil" (1875-1877): um século de história. *Boletim do Museu Nacional, Série Geologia*, **47**: 1-6, 1999.

MELLO-LEITÃO, Cândido de. *História das expedições científicas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Brasiliana, Série 5ª, vol. 209)

MIRANDA-RIBEIRO, Alípio de. Notas ornithológicas VIa. Documentos para a história das collecções de aves do Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Boletim do Museu Nacional*, **4** (3): 19-37, 1928.

———. O Museu Nacional: segundo dados oficiais e oficiosos. Pp. 33-56, *in*: *A Comissão Rondon e o Museu Nacional (Conferências realizadas pelo Professor Alípio de Miranda Ribeiro, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1916)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1945. (Publicação n. 49)

OLIVEIRA, Avelino Ignacio de; LEONARDOS, Othon Henry. *Geologia do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

RUSCHI, Augusto. Trochilídeos do Museu Nacional. *Boletim do Museu de Biologia Professor Mello-Leitão, Biologia*, (10): 1-115, 1951.

SMITH, Herbert Huntington. *Brazil: the Amazons and the coast*. New York: Charles Scribner's Sons, 1879a.

———. The metropolis of the Amazons. *Scribner's Monthly*, **18** (1): 65-77, 1879b.

———. The Mediterranean of America. *Scribner's Monthly*, **18** (2): 192-204, 1879c.

———. An indian village on the Amazons. *Scribner's Monthly*, **18** (3): 352-366, 1879d.

———. An American home on the Amazons. *Scribner's Monthly*, **18** (5): 692-704, 1879e.

———. Rio de Janeiro. *Scribner's Monthly*, **18** (6): 890-903, 1879f.

———. Coffee culture in Brazil. *Scribner's Monthly*, **19** (2): 225-238, 1879g.

———. The naturalist Brazilian expedition. Paper I. From Rio de Janeiro to Porto Alegre. *The American Naturalist*, **17** (4): 351-358, 1883a.

———. The naturalist Brazilian expedition. Paper I. From Rio de Janeiro to Porto Alegre (Continued from page 358). *The American Naturalist*, **17** (5):

480-486, 1883b.
———. The naturalist Brazilian expedition. Paper II. The Lower Jacuhy and São Jeronymo. *The American Naturalist*, **17** (7): 707-716, 1883c.
———. The naturalist Brazilian expedition. Paper II. The Lower Jacuhy and São Jeronymo (Continued from page 716). *The American Naturalist*, **17** (10): 1007-1014, 1883d.
———. Discovery of Paleozoic rocks in Western Brazil. *The American Naturalist*, **17** (11): 1156-1157, 1883e.
———. *Do Rio de Janeiro a Cuyabá*. São Paulo: Melhoramentos, 1922.
THE OOLOGIST. Herbert Huntington Smith. *The Oologist*, **37**: 637-638.

Data de submissão: 13/04/2011; **Aprovado para publicação:** 15/06/2011